

**A CONTRADIÇÃO ENTRE O SENTIMENTO DE PAÍS DO FUTURO E A REALIDADE PERIFÉRICA NAS PRIMEIRAS OBRAS LITERÁRIAS DE FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA**

**Josiel dos Santos Lima**  
**SEED – PARANÁ**  
**josielhist@gmail.com**

**Resumo:**

No Brasil, foi só no final do século XIX, em 1875, que se escreveu o primeiro livro com especulações científicas, chamado *O Doutor Benignus*, de Augusto Emílio Zaluar, que dialoga com o estilo de Júlio Verne. Para escrever este trabalho, fizemos um recorte temporal, no período entre 1875 e 1948, e selecionamos 4 obras: *O Doutor Benignus*(1875), *A Amazônia misteriosa* (1925), *O presidente negro ou o choque das raças* (1926), e *A cidade perdida* (1948). Utilizamos a crítica sociológica para discutir como a sociedade brasileira influenciou os escritores da época e como essa sociedade é refletida nas obras. Temas como especulações futurísticas e a contradição entre o potencial de um país grande e a realidade periférica serão identificados e analisados. Para embasar nosso trabalho, recorreremos a teóricos, pesquisadores e autores como Antonio Candido, André Carneiro, Bráulio Tavares, Léo Godoy Otero, Roberto Causo, entre outros. Pretendemos aqui mostrar que a crença de que o Brasil tem condições para se tornar uma grande potência é tema recorrente nessas obras, porém, esbarra sempre num cenário de país latino, que imita as grandes nações e nunca chega onde deseja estar.

**Palavras-chave:** ficção científica; Brasil; literatura

**INTRODUÇÃO**

Alguns escritores, críticos e estudiosos colocam a literatura de ficção científica<sup>1</sup> como um gênero (ou subgênero) de menor importância. Para os leigos em teoria literária, é compreendida como um entretenimento juvenil, não mais que o fruto da imaginação de seus autores, como algo fantasioso. Porém, devemos considerar que, para ser escrita, ela toma como referência o mundo real. Não queremos dizer que a arte imita a realidade, pois, como afirmam alguns teóricos, ela mimetiza muitas vezes a própria arte. Também chamada de ficção especulativa, ela nos oferece realidades alternativas. Para Roberto de Sousa Causo (2003, p. 50) “a ficção especulativa é uma expressão literária legítima, que, como outros gêneros literários, deve ser compreendida como solução do engenho humano na busca de um entendimento aberto e multifacetado da realidade.”

---

<sup>1</sup> A partir daqui usaremos a sigla FC.

Ao lembrar que boa parte do público e da crítica considera-a como um divertimento para adolescentes, Bráulio Tavares (1986) observa que “Se a ficção fosse apenas isso, seu impacto sobre a nossa visão de mundo seria bem menor” (TAVARES, 1986, p. 9). É buscando impactar essa visão de mundo que os autores buscam produzir suas obras desde o século XIX até os dias de hoje.

No Brasil, o primeiro romance considerado ficção científica é *O doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar (1825-1882). Depois dele, dentro do período que pretendemos estudar, outros autores fizeram suas experiências com o gênero. É o caso de Machado de Assis (1839-1908), em seu conto *O imortal* (1882); Coelho Neto (1864-1934), em *Esphinge* (1908); Gastão Cruls (1888-1959), com *Amazônia misteriosa* (1925); Monteiro Lobato (1882-1948), em *O presidente negro* (1926); Menochi del Pichia (1892-1988), em *A filha do inca*; Érico Veríssimo (1905-1975), em *Viagem à aurora do mundo* (1939); Jeronymo Monteiro (1908-1970), com *A cidade perdida* (1948).

Das obras acima citadas selecionamos quatro delas que trazem alguns elementos que nos chamam a atenção e merecem um estudo mais detalhado. Em *O doutor Benignus*, *Amazônia misteriosa*, *O presidente negro* e *A cidade perdida* fica muito evidente a imitação das consagradas obras e autores da Europa, principalmente do francês Júlio Verne. Além disso, existem temas bastante recorrentes nos enredos, como a grandiosidade do território brasileiro, a admiração e a passividade dos personagens brasileiros perante a tecnologia.

O romance de Augusto Emílio Zaluar conta a história do Dr. Benignus, um médico e naturalista muito sábio que cansado da cidade e das pessoas decide se mudar do Rio de Janeiro para Minas Gerais. Nesse tempo, ele descobre um pergaminho com inscrições em Tupi Guarani falando sobre a habitabilidade do sol. Devido a isso, ele organiza uma expedição ao Brasil central com objetivo de observar o astro-rei, na qual também participam um inglês e um francês. Aqui há uma clara evidência da inspiração do autor quando o francês diz “[...] trago este moderníssimo aparelho de luz eléctrica igual àquele com que o capitão Nemo e seus companheiros costumavam fazer suas digressões ao fundo do oceano [...]” (ZALUAR, 1994, p. 100-101). Capitão Nemo é o personagem de *Vinte mil léguas submarinas* o que mostra que “o modelo de Zaluar é

sem dúvida Júlio Verne” (CARVALHO, 1994, p. 8). Note-se que aqui a tecnologia vem de outro país e quem vai utilizá-la é o estrangeiro. A expedição termina na Ilha de Santana em uma tribo Carajá, lá há uma tensão entre os membros da expedição e os indígenas que se resolve de forma inacreditável: Um balão aerostático, à moda verniana aparece sendo pilotado pelo amigo estadunidense de Benignus e eles são resgatados.

Em *A Amazônia misteriosa*, de 1925, Gastão Cruls faz questão de explicitar a influência de Wells. Em um momento, o protagonista, ao saber das experiências feitas na tribo, discute com o médico Dr. Hartmann:

- Tudo não; mas o bastante para ficar mais que revoltado e poder julgá-lo um novo Dr. Moreau, e da pior espécie... Pelo seu jeito de espanto, percebi que não compreendia a minha referência.
- Dr. Moreau? - inquiriu surpreso.
- Sim – repeti. - O senhor nunca leu a *A ilha do Dr. Moreau*, de Wells? Pois é um romance muito conhecido. O Dr. Moreau era um médico que se meteu na cabeça transformar bichos em gente, ao passo que o senhor quer fazer justamente o contrário (CRULS, 1973, p. 108).

Com esse trecho, além de identificar uma influência do autor, podemos ver como o personagem brasileiro é apenas um observador frente a um médico alemão que vive na tribo das mulheres guerreiras, as Amazonas, realiza experiências com secreções, afasia e fecundação de uma espécie por outra, gerando resultados, como um homínide fruto do cruzamento de uma mulher com um macaco. A história se passa na floresta com um grupo de amigos perdidos. O narrador-protagonista, chamado apenas de Doutor e seus amigos acabam sendo capturados e levados até uma tribo de mulheres guerreiras, as Amazonas. Lá ele conhece o Dr. Hartmann e fica chocado com as suas experiências, quando decide ir embora, o médico os faz de prisioneiros e com isso, o brasileiro acaba tendo um caso com a esposa francesa do alemão. Em um dos passeios com a amante pela floresta decidem fugir navegando por um rio junto com o amigo Pacatuba, o final fica aberto, pois não se sabe se os fugitivos conseguiram ou foram resgatados após Rosina ser morta com uma flechada.

*O presidente negro ou o choque das raças* é um dos romances escritos por Monteiro Lobato para gente adulta. No seu livro *A barca de Gleyre*, em que estão as cartas de anos de correspondência com um amigo, é possível ver que ele esperava alcançar um grande sucesso com sua história na terra do Tio Sam, porém, não

conseguiu. Em 2008 com a eleição de Barak Obama nos EUA, seu livro veio à tona por aqui. O romance conta sobre Ayrton, um cara medíocre que trabalhava em uma empresa no Rio de Janeiro e quando compra um carro Ford acaba sofrendo um acidente. Ele é salvo pelo professor Benson que o acolhe em sua casa na qual vive com a filha e empregados mudos. Nessa casa Ayrton conhece as invenções do professor: O cronizador e o porviroscópio que são dois aparelhos que trabalham em conjunto, enquanto um consegue antecipar as coisas que acontecerão no futuro por meio de vibrações do éter, o outro é uma tela que projeta as imagens desse futuro. A filha do anfitrião, miss Jane conta sobre o que viu do futuro: nos EUA os eleitores se dividiram entre o partido masculino, o feminino e o negro. Tendo os dois últimos se unido, acabaram vencendo as eleições em 2228 e Jim Roy se tornou o presidente negro. Na trama, Ayrton é apenas um ouvinte, pois quem detém a tecnologia é Benson e Jane, e quando ele se mete com a tecnologia de um carro Ford acaba se acidentando.

O último livro selecionado é *A cidade perdida*, de 1948. Nesta história, Jerônimo Monteiro, um dos mais importantes escritores e incentivadores da ficção científica brasileira, narra a aventura de Jeremias e Salvio, que se lançam rumo à Amazônia, em busca de uma civilização perdida. Sabemos de antemão que eles chegaram à Atlantis-a-eterna e a narrativa já começa com o personagem Salvio decidido a partir em uma viagem pelo sertão. Após refletir sobre o assunto e se prepararem eles vão nessa viagem e passam por muitas aventuras nas florestas que levam ao Xingu como ser capturados e aprisionados duas vezes, perder companheiros que os ajudavam, passar por tempestades, descobrir escritos antigos em cavernas e por fim, descobrir a cidade perdida, Atlântida. O povo que vivia lá criticava muito a civilização atual e os modos como os homens se autodestroem entre eles, tinham uma visão distópica da sociedade.

Analisando os enredos, o que se pode afirmar é que não havia uma FC genuinamente brasileira, mas uma imitação do que se escrevia no Velho Mundo. E fica evidente que o Brasil era descrito como aquele país de vasto território com potencial de crescimento, mas mantinha mistérios em suas vastas florestas, principalmente a Amazônia. A tecnologia que aparece nas histórias, geralmente é importada e nas histórias os personagens brasileiros não operam essas tecnologias, o que leva a pensar

que os autores reproduzem de forma implícita, a ideia de que o Brasil é inferior aos Estados Unidos e os países europeus. Uma das explicações para isso é o fato de que o país ainda não havia vivido uma industrialização considerável como a da Inglaterra, berço da FC. No Brasil, vivíamos um contexto de fim da escravidão e transição para o trabalho livre e assalariado, de começo da República vista com certa desconfiança por muitos brasileiros.

Fazendo uma relação entre a literatura e a sociedade, fica claro que os acontecimentos históricos nem sempre são aproveitados pelos escritores de FC no Brasil, porém, as ideologias predominantes da época transparecem em suas obras, uma vez que a literatura, se não é um reflexo direto, é ao menos uma “refração” da sociedade dentro da qual é produzida, “Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma determinada maneira; portanto, ela carrega em si marcas desse contexto” (SILVA, 2009, p. 177). Embasados nessa linha de pensamento, acreditamos que o contexto brasileiro está refletido dentro das obras. Francisco Alberto Skorupa (2002) ajuda a reforçar esse argumento ao afirmar que

Embora constantemente referencie-se ao futuro, a FC está indissociavelmente ligada ao seu momento de produção e, no âmbito de seu discurso, discute as realizações oriundas da ciência e da tecnologia do tempo em que foram concebidas. Assim, por se tratar de uma produção imaginária temporalmente datada, sua investigação é essencialmente uma interpretação sobre imagens e ideias referentes à ciência e suas derivações respectivas a esse tempo (SKORUPA, 2002, p. 8).

Fica claro que embora a ciência e a tecnologia fossem incipientes, provocavam interesse nos escritores brasileiros e incentivavam a criatividade. Existem casos de homens da ciência muito importantes em nossa história, é o caso de Santos Dumont e o médico Oswaldo Cruz que embora tenham realizados grandes feitos, não lograram grande sucesso, mas isso acaba sendo entendido se pensarmos que “o Brasil do século XX era ainda um país com uma queda pela posse da terra e por seu emblema maior: a casa grande e a mansão” (CAUSO, 2003, p. 127). Isso tem muito a ver com a nossa herança colonial portuguesa, para a qual o importante é ostentar a riqueza e não usá-la para o bem-estar ou em benefício da sociedade.

João Adolfo Hansen (2003), ao prefaciar a pesquisa de Roberto Causo, observa que “O sucesso brasileiro de textos que representam mundos perdidos, propõe Roberto, teria sido condicionado pela imensidão, exotismo e desconhecimento do próprio território nacional” (HANSEN, 2003, p. 22). Perante essa imensidão e exotismo, a viagem por aquelas terras proporciona proações e descobertas aos protagonistas. Benignus conhece indígenas, se depara com a queda de um meteorito, fósseis etc. O outro Doutor de nossa análise conhece muitos mistérios da Amazônia, é capturado por indígenas e levado a uma tribo de índias amazonas. Já Sálvio e Jerônimo, depois de terem seus pertences roubados em sua peregrinação pela selva, são acompanhados por índios e acabam chegando à cidade dos atlantes. Essas aventuras amazônicas mostram que “o drama que ali se vive, no conflito homem-natureza, [...] é o drama que assegura conteúdo aos que o vêm utilizando e desse modo criando um capítulo denso na história da criatividade literária” (REIS, 1973, p. 15). Até hoje a Amazônia guarda mistérios e, mesmo vigiada, acaba sendo alvo de derrubadas, queimadas e outros crimes ambientais, chamando a atenção da mídia. As histórias que tratam da Amazônia como um lugar ainda a ser explorado deixam claro que “Cada narrativa de ficção nos mostra, por baixo das aventuras que conta e dos ambientes que descreve, uma tensão permanente entre o *conhecido* e o *desconhecido*” (TAVARES, 1986, p. 17). Aquela região misteriosa, imensa e perigosa gera uma ambientação interessante, na qual a cada momento pode aparecer ou acontecer algo novo.

O Brasil não desenvolveu uma ficção científica nacional com características próprias, os autores de FC procuravam dialogar com escritores como Júlio Verne e H. G. Wells, entre outros. Roberto Causo, ao analisar a ficção científica de Augusto Zaluar, afirma que “o complexo de inferioridade nos fazia copiar os modelos de literatura e pensamento oriundos da Europa – especialmente da França –, emulando uma consciência social que preconizava a erudição e o didatismo sobre o aventureiro e o narrativo” (CAUSO, 2003, p. 130). Alguns foram mais felizes nessa cópia. Sobre esse assunto, Candido (2011), ao tratar da literatura brasileira entre 1900 e 1945, destaca que há uma dialética entre um nacionalismo literário, capaz de criar até uma língua diversa, e o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. Sob esse

aspecto, o dado local é a substância e os moldes europeus são a forma. Com isso, supera-se obstáculos, como “[...] o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical e largamente mestiçado, desenvolve em face de velhos países de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diferentes” (CANDIDO, 2011, p. 117-118).

Ao interpretar alguns discursos nas obras e tentar compreender o sentido que têm, pode-se deduzir que os autores que estamos estudando pretendem demonstrar, de alguma forma, o sentimento de que o Brasil estava atrasado, em termos de ciência, tecnologia, política e cultura. Havia uma incompatibilidade entre a vastidão do território e o atraso de suas instituições, o imenso território, por um lado, era motivo de contemplação, visto como terra de oportunidades, “Mas no outro lado da medalha, também as visões desalentadas dependiam da mesma ordem de associações, como se a debilidade ou a desorganização das instituições constituíssem um paradoxo inconcebível em face das grandiosas condições naturais. (‘Na América tudo é grande, só o homem é pequeno.’)” (CANDIDO, 1989, p. 142). Há, portanto, de forma muito sutil, um sentimento de estar às margens dos países desenvolvidos e isso transparece em alguns momentos das narrativas analisadas.

O Dr. Benignus, logo no começo da história, fala para sua mulher sobre o fato de se sentir deslocado no meio em que vive:

- Sabes que mais? Não posso já sofrer os homens nem as suas instituições. Detesto os exércitos permanentes, aborreço a guarda nacional, e sobretudo não posso compreender a utilidade da monarquia constitucional, porque já está velha, nem a da república, porque ainda está nova. (ZALUAR, 1994, p. 37).

Pensando nisso, a política brasileira, que passava por um processo de transição do Império para a República, é vista com certa insegurança por parte do personagem, o qual não consegue compreendê-la, e por isso escolhe se mudar para um lugar retirado, onde ficaria afastado da vida social fluminense da época. Talvez, não só para o Dr. Benignus, mas para muitos brasileiros, a política do final do século XIX era atrasada e velha, mas as características da nova organização republicana era ainda uma incógnita. Os próprios republicanos não tinham um projeto único de República, pois, como

descreve José Murilo de Carvalho, em *A formação das almas*, os grandes proprietários queriam o modelo americano que privilegiava os interesses particulares e acreditavam no darwinismo social como necessário para a ordem. Já a população urbana (formada por pequenos proprietários, profissionais liberais, jornalistas professores e estudantes) era atraída pelo jacobinismo francês, enquanto os militares eram atraídos pelo positivismo que condenava a Monarquia em nome do progresso (CARVALHO, 1990, p. 24-25).

A amargura de viver em um país periférico se torna mais nítida em outros momentos do enredo de Zaluar, como no capítulo em que Benignus escreve para o cientista francês Camille Flamarion. Na carta, ele discorre sobre as teorias astronômicas elaboradas pelo europeu, rasgando elogios e reclamando do lugar em que vive. Sabemos que o protagonista dessa história era muito excêntrico, o que se percebe quando ele escreve a Flamarion: “Mas seja como for, eu hoje não pertencço mais ao mundo em que nasci. Libertei-me, não posso dizer de tudo, mas de todos que me eram importunos” (ZALUAR, 1994, p. 50). Verifica-se que ele se mostra superior às pessoas com quem convive. Para falar sobre ciência, se comunica com alguém distante. A submissão do Brasil fica evidente nessa história quando o médico recebe a companhia de um francês e um inglês para a sua viagem e, na hora em que aparece o balão dirigível, quem pilota é um norte-americano.

O Brasil, que era um país de predominância agrária, é exaltado justamente por possuir terras férteis. James Wathon, o amigo do Dr. Benignus, fica admirado com a natureza daqui. “- Esta natureza é realmente admirável! Estou quase com vontade de nunca sair daqui. A força da vegetação e a cor dos terrenos, estão indicando a uberdade do solo” (ZALUAR, 1994, p. 340). Se prestarmos atenção às frases seguintes, pronunciadas pelo estadunidense, podemos perceber que há um discurso com uma reflexão mais profunda ao questionar “[...] por que motivo então se não há de aproveitar este torrão abençoado, atrair para ele a vida e o trabalho e criando com ele as forças das grandes energias, que originam a circulação dos capitais, os prodígios da indústria, as descobertas maravilhosas da ciência?” (ZALUAR, 1994, p. 341). Parece que o Brasil não sabia aproveitar os seus recursos naturais capazes de gerar riquezas. Por fim, ele conclui: “Bastará uma vontade potente para transformar este deserto em civilização”

(ZALUAR, 1994, p. 341). Portanto, tem-se uma ideia de que os brasileiros não eram capazes de desenvolver sua civilização.

Na obra de Gastão Cruls, não é diferente o sentimento de periferia. O protagonista se questiona logo nas primeiras páginas ao escrever em seu diário “1-1-191... Que nos trará de bom o ano novo? Ainda perdurará pela Europa o sopro de loucura que ensangüentou os países mais civilizados?” (CRULS, 1973, p. 14). Se os países europeus são ditos mais civilizados é porque o narrador considera o Brasil atrasado em relação a eles, isto é, menos civilizado. Na tribo das Amazonas, como vimos, eles encontram um casal, sendo ele alemão e ela francesa. Eles têm conhecimento e cultura que lhes permite se colocar numa condição de respeito naquela comunidade. A mulher usa uma vestimenta de tecidos grosseiros e embora ela não goste, o Doutor fica admirado por usarem roupas com tecidos confeccionados pelas próprias indígenas. Num tom de ironia, a mulher fala: “- E o senhor queria que fosse algum modelo de Paris?” (CRULS, 1973, p. 64). A reclamação e a posterior brincadeira sobre as roupas deixam claro o seu gosto refinado. Embora o protagonista dessa história seja um médico e, portanto, um cientista, ele não põe em prática seus conhecimentos. A cientificidade da obra fica por conta das experiências do médico alemão, é ele quem representa a ciência dentro do enredo. Seu nome é Jacob Hartmann, médico que foi aprendiz de um tal professor Steinach, na Europa, e que lamentava não poder fazer experiências em humanos. Por isso, ele explica que “Foi acompanhando o início dessas pesquisas, logo promissoras dos mais belos resultados, e pelas quais também me apaixonei, que me veio a idéia de demandar estas paragens” (CRULS, 1973, p. 113). Com isso, o personagem da ficção científica escrita por Gastão Cruls também é um observador que não põe em prática o conhecimento científico que tem, ele vê isso sendo feito pelo estrangeiro. Essa posição passiva pode ser ilustrada pelas conclusões do protagonista na conversa com o alemão: “Achei de bom alvitre mostrar-me de perfeito acordo com o seu ponto de vista, e, dali por diante, já de regresso, mas sempre conversando animadamente, só tive aplausos para o os seus trabalhos” (CRULS, 1973, p. 122). Por mais que os dois sejam médicos, o brasileiro se coloca numa posição inferior ao europeu, reconhecendo a relevância científica das experiências feitas entre as Amazonas.

Na mesma esteira de outros autores, Monteiro Lobato demonstra um sentimento de inferioridade nacional do Brasil perante a Europa e os Estados Unidos. O brasileiro Ayrton tem um encontro com um cientista norte-americano, por obra do acaso. O acidente que o leva até a casa do professor Benson lhe coloca numa posição inferior perante o velho. A superioridade do yankee é ilustrada pela seguinte fala: “— O senhor Ayrton, pelo que vejo e adivinho, é um inocente, começou ele. Chamo inocente ao homem comum, de educação mediana e pouco penetrado nos segredos da natureza. Empregado no comercio: quer dizer que não teve estudos” (LOBATO, 1979, p. 18). Com isso, vemos que Ayrton representa o povo pouco escolarizado, com emprego em tarefas medíocres, que não conhece muito de ciência e por isso é chamado por Benson de inocente. Em outras palavras, Ayrton representa um Brasil subdesenvolvido frente aos Estados Unidos. Em outro momento, há uma grande exaltação daquele país e seu povo. A bela jovem de olhos azuis contesta a opinião do rapaz que os considera um “povo sem ideais, o mais materialão da Terra”:

— Essa ideia não pode ser sua, senhor Ayrton. Soa-me a frase feita, das que se recebem no ar sem exame. A um povo que tenta romper com o álcool acha sem ideias? Poderá haver maior idealismo que o sacrifício de formidáveis interesses materiais do presente em vista de benefícios que só as gerações futuras poderão recolher? Se o senhor Ayrton observar um pouco a psique americana verá, ao contrário, que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Único, vê? Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, próprio, e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico. (LOBATO, 1979, p. 65).

O que se pode notar é que há uma tentativa de mostrar o quanto aquele país estava mais adiantado em relação ao nosso, louvando os feitos daquela nação, ao mesmo tempo em que menospreza e diminui a importância deste país latino. Essa visão trazida pela personagem nos ajuda a compreender o fato de que “Para veicular suas idéias e opiniões, a personagem possui uma voz. E essa voz não é apenas ligada à expressão das idéias e valores daquele indivíduo; ela expressa valores e idéias necessariamente ligados a uma instituição social” (SILVA, 2009, p. 181). Nesse caso, o discurso está ligado aos grupos e instituições que viam o branqueamento da população como uma solução prática para os problemas sociais do país. Desenvolve-se, ao longo de alguns capítulos,

a ideia de que um projeto eugenista elevou os EUA a tal ponto de se tornarem o centro econômico do mundo.

A obra *A cidade perdida*, de Jeronymo Monteiro, está muito carregada de uma ficção científica na qual a arqueologia, a paleontologia e a geologia servem de base para argumentar que o surgimento das primeiras civilizações ocorreu no continente americano, principalmente no Brasil. Embora esse argumento percorra toda a história, tentando dar algum *status* importante para o país na história da humanidade, o sentimento de viver em uma periferia dos países europeus não deixa de aparecer. Isso ocorre quando Sálvio explica a Jeremias o porquê de não se encontrarem vestígios que comprovem tal teoria sobre as primeiras civilizações brasileiras:

[...] o nosso povo não tem educação suficiente para se interessar peio assunto e para avaliar qualquer encontro fortuito. Um lavrador que em qualquer canto da Europa encontre um pedaço de louça de forma estranha sabe logo a quem se dirigir, sabe que convém guardá-lo para comunicar o fato a alguma instituição científica. Se for o caso, logo depois se fazem escavações no local. Mas, aqui... ninguém se incomoda com essas ninharias... e nem mesmo com coisas mais importantes. (MONTEIRO, 1948, p. 49).

Os europeus são vistos como um povo que valoriza a ciência, mesmo sendo lavrador, enquanto os brasileiros não se preocupam com objetos arqueológicos e por isso seriam menos civilizados e atrasados culturalmente, uma vez que aqui ninguém se incomoda com “coisas mais importantes”, segundo o personagem da história. A crítica ao comportamento dos brasileiros continua nesse mesmo diálogo sobre a importância de achados arqueológicos:

Entre nós o normal é não fazer caso. Sabe o que é? Sofremos de “doutoria” aguda. Aqui todo mundo é autoridade, todos sabem demais e são superiores. Se algum trabalhador encontrar no campo uma preciosidade arqueológica, em 99 por cento dos casos meterá a enxada e destruirá tudo. Mas, se por espírito curioso resolver conservar o achado, consultará o primeiro “doutor” que encontrar — o delegado, o prefeito ou qualquer outro. Este, por sua vez, sentado sobre a Sabedoria, dará uma olhada, fará um trejeito, e exclamará: “Bobagem! Isso é uma pedra comum. Os efeitos da erosão nas pedras friáveis são caprichosos! Os veios arenosos desagregando-se produzem pedaços assim às vezes com a forma de cachimbo. Puro acaso. Isso é bobagem sem valor.” Ou então, dizem: “Ora... isso é um pedaço de vaso de barro que caiu

por aí...” E assim se lavram as sentenças! Suponha que o lugar onde se fez um achado daqueles é rico em peças arqueológicas... estará tudo perdido, porque o “doutor” já explicou que é bobagem! (MONTEIRO, 1948, p. 50).

Nesse caso, além de criticar o comportamento daqueles que não sabem dar importância para a ciência, há também uma crítica a alguns costumes do povo brasileiro, que são colocados como nocivos ao progresso. Ou seja, os “doutores”, líderes tradicionais na nossa sociedade, se acham superiores e dão o veredicto sobre uma ciência que não dominam, prejudicando, assim, as pesquisas arqueológicas. Isso demonstra que o coronelismo/caciquismo, muito comum em nossa sociedade, são atrasos culturais que prejudicam tanto a política quanto o desenvolvimento científico em nosso país. Sobre isso, Sérgio Buarque de Holanda cunha o termo “bacharelismo” ao criticar a postura dos brasileiros em se importar com a visibilidade que sua profissão proporciona, e afirma que “Ainda hoje são raros, no Brasil, os médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, professores, funcionários que se limitem a ser homens de sua profissão” (HOLANDA, 1995, p. 156). Segundo ele, se trabalha para alcançar altos postos nas áreas de atuação, mas nem sempre segue-se o curso normal das carreiras profissionais. Há, ainda, aqueles que ocupam vários cargos sem exercer nenhum. Guardadas as proporções, podemos encontrar alguma relação entre a “doutoria” e o “bacharelismo”.

O estágio de desenvolvimento econômico e social também se demonstra no saneamento. Ao cruzar por Tocantins, o narrador fala sobre o rio que passa pela cidade de Palmas: “No rio Paranã, que serve de banheiro à população, há dois lugares reservados: um para os homens e outro para as mulheres, este um pouco acima do primeiro” (MONTEIRO, 1948, p. 74). A ideia de povo atrasado aparece nas descrições dos indígenas, que embora sejam descendentes das primeiras civilizações do mundo, acabaram se espalhando pelas florestas e “perderam a civilização e a sabedoria de seus antepassados, transformando-se nos selvagens atrasados que conhecemos” (MONTEIRO, 1948, p. 158).

Ao relacionar o Brasil com a Europa, a realidade periférica novamente floresce no momento em que um atlante questiona Sálvio sobre sua curiosidade: “— Mas qual é o interesse em saber que o Brasil foi o berço da humanidade?” E o rapaz responde: “—

O interesse pela verdade. A ciência, monopolizada por alguns sábios europeus, insiste em afirmar que o berço da civilização teria sido a África e o da humanidade a Ásia. Manifesta completo desprezo pelo Brasil e pela América, nesta questão” (MONTEIRO, 1948, p. 218). Mostra-se, aqui, que o Brasil não era capaz de desenvolver ciência e se sente desprezado pelos europeus que detêm o poder sobre o conhecimento que os aventureiros buscam. Por outro lado, se evidencia uma situação interessante, pois “O precedente gigantismo de base paisagística aparece então na sua essência verdadeira — como construção ideológica transformada em ilusão compensadora” (CANDIDO, 1989, p. 142), ou seja, os intelectuais brasileiros viram-se motivados a lutar contra o atraso do país ao tomar consciência de seu subdesenvolvimento.

No capítulo “Literatura e subdesenvolvimento” de *A educação pela noite*, Antônio Candido explica que depois da Segunda Guerra Mundial o Brasil tomou consciência de seu subdesenvolvimento, porém, desde 1930 já havia na literatura resquícios desse reconhecimento. Sobre esse tema, ele afirma:

Ora, dada esta ligação causal "terra bela — pátria grande", não é difícil ver a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante. A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro [...]. (CANDIDO, 1989, p. 142).

Em *A cidade perdida*, é justamente isso que se percebe, uma visão negativa sobre a nossa atual sociedade e a previsão de um futuro no qual os humanos enfrentarão problemas e os atlantes fundarão uma nova sociedade, com valores preservados por eles. Embora se exalte a grandiosidade das condições naturais, o povo é mostrado como inculto, sem princípios e cientificamente inferior. Há aí uma contradição, pois apresenta-se um lado negativo do país em contraposição à ideia ufanista, de que o Brasil é um país de muita riqueza e grandes possibilidades de realização de sonhos.

Em um país que não era afeito às tecnologias e à ciência, a literatura cumpriu um papel importante. Antônio Candido (2000) escreve que “Ante a impossibilidade de formar aqui pesquisadores, técnicos, filósofos, ela preencheu a seu modo a lacuna, criando mitos e padrões que serviram para orientar e dar forma ao pensamento”

(CANDIDO, 2000, p. 120), pois as ciências naturais e humanas não se desenvolveram no mesmo ritmo que a literatura e o Direito. A literatura, portanto, era filosofante e beletrista, voltada para a elite, e a ficção científica não consegue conquistar o gosto dos leitores médios na época. Mas não foi só no passado que a FC sofreu com o preconceito, “No Brasil, ficção científica e fantasia ainda são vistos – especialmente por autores do *mainstream* literário – como formas destinadas ao entretenimento fácil e à sátira superficial” (CAUSO, 2003, p. 172). Ou, ainda, como uma literatura juvenil colocada no nível de romances policiais e de detetives. Aqui na América, o insucesso desse tipo de produção artística pode ser justificado pela herança recebida de Portugal e Espanha, visto que “Nessas antigas metrópoles a literatura foi e continua sendo um bem de consumo restrito, em comparação com os países plenamente desenvolvidos, onde os públicos podem ser classificados pelo tipo de leitura que fazem, e tal classificação permite comparações com a estratificação de toda a sociedade” (CANDIDO, 1989, p. 144). Além disso, em um passado não muito distante, podemos associar a falta de um público leitor ao alto índice de analfabetismo da população.

Para Antônio Candido (1989), o Brasil até os anos 1930 era considerado um país novo e “Com efeito, a idéia de país novo produz na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de um certo respeito pelo grandioso e da esperança quanto às possibilidades” (CANDIDO, 1989, p. 140-141). Nesse caso, as obras reforçam essa visão, já que em todas elas, sem exceção, aparece um país exótico, grandioso, que causa surpresa e permite sonhar com o que pode vir a acontecer nessas terras. E, nesse sentido, se ampliarmos a visão para o resto do continente, vemos que “A idéia de que a América constituía um lugar privilegiado se exprimiu em projeções utópicas que atuaram na fisionomia da conquista e da colonização [...]” (CANDIDO, 1989, p. 141). Por isso, desde a carta de Colombo e depois a de Caminha, esse continente é motivo de deslumbramento e isso continua acontecendo em narrativas do século XX. Em *Literatura e sociedade*, o autor “entende que a arte tanto é influenciada pela sociedade quanto a influencia” (SILVA, 2003, p. 186). Essa influência se apresenta na superfície do texto, na caracterização das personagens e na estrutura profunda do texto. Nesse sentido, a FC brasileira não deixa

de mostrar que a sociedade se projeta na obra como pretendemos mostrar ao longo deste trabalho.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALLEN, L. D. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus Editorial, 1974.
- ARRUDA, J. J. A. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Ática, 1994.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BRESCIANI, M. S. M. Metrôpoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX). *In: Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Editora Marco Zero, v. 5, n. 8/9, p. 35-68. set. 1984 / abr. 1985.
- BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARDOSO, C. F. Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado? **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13 (suplemento), Rio de Janeiro: UFF, 2006. p. 17-37.
- CARNEIRO, A. **Introdução ao estudo da Science fiction**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1967.
- CARNEIRO, F. L. Comentários ao romance O doutor Benignus. *In: ZALUAR, A. E. O doutor Benignus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- CARVALHO, J. M. Benigna ciência. *In: ZALUAR, A. E. O doutor Benignus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A formação das almas**: o imaginário da República do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAUSO, R. S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil**: 1875 a 1950. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. v. 1. São Paulo: Ática, 1998.
- CUNHA, F. A ficção científica no Brasil: um planeta quase desabitado. *In: ALLEN, L. D. No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus Editorial, 1974.

- FERREIRA, T. M. T. B. C. A Cidade das Letras: leitores e livros no Rio fin-de-siècle. *In*: BLAJ, L.; MONTEIRO, J. M. (Orgs.). **História & Utopias**. Textos apresentados no XVII Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 1996, p. 366-377.
- HANSEN, J. A. Prefácio. *In*: CAUSO, R. S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNT, L. (Org.). **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- NEVES, M. A concepção de raça humana em Raimundo Nina Rodrigues. **Filosofia e História da Biologia**, v. 3, São Paulo: ABFHiB/Mackenzie, 2008. p. 241-261.
- OTERO, L. G. **Introdução a uma história da ficção científica**. São Paulo: Lua Nova, 1987.
- PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SKORUPA, F. A. **Viagem às letras do futuro: extratos de bordo da ficção científica brasileira, 1947-1975**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.
- SILVA, A. M. O admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira. **Eutomia**, ano I, n. 2. Recife: UFPE, 2008. p. 262-283.
- SILVA, M. C. Crítica sociológica. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: UEM, 2003. p. 177-188.
- TAVARES, B. **O que é ficção científica**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

### **OBRAS LITERÁRIAS**

- CRULS, G. **A Amazônia misteriosa**. 9. ed. Brasília: Livraria José Olympio Editora, 1973.
- LOBATO, M. **O presidente negro ou O choque das raças**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- MONTEIRO, J. **A cidade perdida**. vol. 70, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. (Coleção Terramarear) Ebooksbrasil, 2008 pdf.
- ZALUAR, A. E. **O doutor Benignus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**